

MARCOS VINÍCIUS RABELO  
ROBSON RODRIGO CARVALHO

**A RECREAÇÃO NA IDENTIFICAÇÃO DE LÍDERES  
ESPORTIVOS**

BARBACENA/MG/2012

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	3
<b>1 CARACTERÍSTICAS DO ESPORTE COLETIVO E INDIVIDUAL</b> .....	5
<b>1.1 Objetivos do Jogo</b> .....	7
<b>1.2 Contato, convívio social, coletividade e aspectos psicológicos</b> .....	8
<b>2 ATRIBUIÇÕES GERAIS DA LIDERANÇA NO ESPORTE</b> .....	11
<b>2.1 A importância do Técnico e sua relação com a equipe</b> .....	12
<b>2.2 A importância do Capitão e sua relação com a equipe</b> .....	13
<b>3 A RECREAÇÃO COMO FORMA DE IDENTIFICAR LÍDERES</b> .....	15
<b>3.1 Recreação, em suas formas de lazer e socialização</b> .....	16
3.1.1 Recreação como forma de lazer .....	16
3.1.2 O jogo como forma de recreação .....	17
3.1.3 A brincadeira na recreação .....	17
<b>3.2 Atitudes (Jogos Comportamentais, Atitudinais, Cooperativistas)</b> .....	18
<b>3.3 Como utilizar jogos e brincadeiras para reconhecer um líder</b> .....	19
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	23
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	24

## INTRODUÇÃO

Pode-se compreender esporte atualmente, de acordo com Santin, como um ato humano, individual e social, que pode, como toda atividade humana, assumir múltiplas funções. O esporte pode ser usado, pelo menos o foi ao longo da história, para as mais diferentes e controvertidas finalidades. Ele é dotado de pluralidade, de possibilidades e diversidade aplicacional (SANTIN, 1994, s.p). Compreendendo as manifestações de liderança presentes no ambiente da Pedagogia Esportiva, podemos nos apropriar destes conceitos, transformando-os em conhecimentos que auxiliem aos pais e educadores, através de suas intervenções.

Isto ocorre porque o processo de liderança possui muitas variáveis e este processo pode-se ser usado dentro do ambiente das práticas físicas, como diz Chelladurai (1990, s.p), estes líderes esportivos tem que adequar as situações e através da interação entre as demandas do ambiente, da situação e dos seguidores com as características deste ou daquele líder a ser selecionado, determinam-se as relações coletivas dentro do grupo esportivo a ser analisado.

A condição de liderança encontra-se caracterizado como "a capacidade de influenciar ou dirigir o comportamento de outros através de sugestão, sedução, persuasão ou comando, fazendo assim com que outros façam algo sob influência" (WINTERSTEIN, 2003, s.p). Seguindo está mesma linha de raciocínio Winterstein, ainda completa, que liderança está relacionada com o processo de interação entre pessoas, as quais se apresentam com responsabilidades e metas a serem atingidas dentro de uma determinada tarefa.

Esse trabalho tem por foco principal, o estudo desses diversos aspectos, objetivando oferecer bases de dados coerentes à escolha de um líder esportivo, dentro de suas competências, frente à aceitação e à melhoria do desempenho geral da equipe que comanda.

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de caráter descritivo e analítico, embasado em publicações científicas referentes ao tema, selecionados a partir de sites, livros, artigos e revistas. Após leitura, será confeccionada a versão final da monografia, com previsão para dezembro de 2012.

Justifica-se esse estudo, a partir do momento em que existem diversas situações de liderança no ambiente esportivo, diversas características das equipes e de seus membros, além de diversos comportamentos de liderança, que interferem no seu desempenho final, sendo um assunto de grande importância, e com pouco referencial científico.

No primeiro capítulo são tratados características do esporte, em suas modalidades individual e coletivo.

O segundo capítulo discursa sobre a importância da liderança no esporte e em situações especiais que envolvem critérios de análise social e grupal.

Por fim, o terceiro capítulo busca relatar a influência que a recreação pode exercer sobre a escolha de líderes, assim como a visão que esses indivíduos retratam aos seus pares.

## 1 CARACTERÍSTICAS DO ESPORTE COLETIVO E INDIVIDUAL

Os Jogos Esportivos Coletivos, como relata Bayer (1994, s.p), tem sua origem em antigas civilizações, séculos antes de Cristo, com alguns jogos semelhantes a muitas modalidades que se desenvolveram somente no século XX, como basquetebol, rugby e futebol. Buscando uma definição para esses Jogos Coletivos, assim escreveu Teodorescu (1984, p. 23):

O Jogo Coletivo representa uma forma de atividade social organizada, uma forma específica de manifestação e de prática, com caráter lúdico e processual, do exercício físico, na qual os participantes (jogadores) estão agrupados em duas equipes numa relação de adversidade típica não hostil (rivalidade desportiva) – relação determinada pela disputa através de luta com vista à obtenção da vitória desportiva, com a ajuda da bola (ou de outro objeto de jogo) manobrada de acordo com regras pré-estabelecidas.

Os jogos coletivos são constituídos por voleibol, futsal, futebol, handebol, pólo aquático, basquetebol, entre outros e, este tipo de jogo, quando ensinado de forma coerente, pode contribuir para o desenvolvimento tático-cognitivo, técnico e sócio-afetivo dos alunos e atletas, e, além disso, ele permite a quem o pratica desenvolver o espírito coletivo, desenvolver a disciplina através da aceitação de regras, a elaborar recursos internos para resolver dificuldades e analisar situações que levam ao desenvolvimento do raciocínio que conduzem as ações. (TEODORESCU, 1984, s.p).

Através dos Jogos Coletivos os atletas conseguem expressar sua individualidade e suas respectivas características para satisfazerem seus interesses pessoais e interesses da equipe, onde a partir daí conseguiram praticar a cooperação, que é fundamental em uma equipe para se alcançar o objetivo comum (Gol/Ponto). As estratégias são planos **coletivos**, a tática **coletiva** conecta-os para atacar e defender. A cobertura, o desarme, o bloqueio, o passe, entre outras, são atitudes **cooperativas**. Enfim, independentemente dos sujeitos, o ambiente exige cooperação. “A cooperação surge quando uma ação é mais bem realizada por um grupo do que por uma única pessoa” (FREIRE, 1998, p. 108).

Segundo Giacomini (1998, p. 69-76):

(...) Quando as modalidades exigem pela sua estrutura e dinâmica, a coordenação das ações de duas ou mais pessoas para o desenvolvimento da atuação esportiva estamos tratando de esportes coletivos, e quando o sujeito participa sozinho durante a ação esportiva total (duração da prova, do jogo), sem a participação colaborativa de um colega, estamos tratando de esporte individual.

Em paralelo com o esporte coletivo existem os esportes individuais, onde o atleta pode ter contato direto com o oponente (Peteca, Tênis, por exemplo) e também que não tem contato com o mesmo (Natação, Ginástica, por exemplo). Os esportes classificados como individuais são aqueles em que o praticante atua sozinho, dependendo basicamente de si mesmo para alcançar seus objetivos. Geralmente são praticados em ambientes estruturados e com a utilização de materiais específicos para sua realização, salvo exceções como, por exemplo, provas de atletismo, que podem ser realizadas em locais semi-estruturados. Além disso, esse tipo de esporte atua no desenvolvimento da personalidade, por exigir uma melhor preparação psicológica para sua prática (Moreno, Silva, Justino, Cotrim, Lima, Oliveira, Mathias & Leal, 2007).

Quando se fala em esporte individual, por causa do seu próprio nome, se pensa em esporte praticado por uma única pessoa, mas essa prática individual pode ser para ajudar uma equipe, como diz Bayer (1994, s.p) a equipe é um grupo de pessoas que geralmente se une para alcançar um objetivo em comum, e também pode ser definido como um pequeno grupo de pessoas com habilidades complementares, que trabalham juntas com o fim de atingir um propósito comum pelo qual se consideram coletivamente responsáveis. Um exemplo claro sobre o esporte individual trabalhando coletivamente é a ginástica olímpica, onde cada atleta mostra sua habilidade individualmente em cada aparelho, podendo demonstrar seu melhor desempenho em prol da vitória para sua equipe.

Viatkin(1978, p.37) comprovou que:

(...) nas modalidades individuais os atletas tendem mais à introversão, são menos motivados para contatos sociais, tem um nível maior de agressividade e parecem ser mais criativos do que os esportistas de modalidades coletivas que tendem mais à extroversão e são mais motivados para estabelecer contatos sociais.

Já se tratando em interação social os esportes coletivos são ideais, para Piaget as interações sociais são fatores da construção cognitiva do ser humano: “a vida social é uma condição necessária para o desenvolvimento da lógica. cremos, portanto, que a vida social

transforma até a própria natureza do indivíduo” (PIAGET, 1977, p. 239). Na prática, é uma aula de sociedade devido às suas regras, leis e autoridades, como a do árbitro, por exemplo. Ao praticar algum esporte coletivo, a pessoa se submete a um grupo, a um regulamento e vai se formando como ser social.

Tanto o esporte individual como o coletivo podem ser praticados nos mais diversos ambientes, pois não exigem espaços físicos tão específicos para serem realizados. Segundo Teixeira (1997, s.p), esportes coletivos e atividades individuais feitas em grupo ajudam a desenvolver mecanismos de comunicação e interação. O resultado é compartilhar momentos agradáveis em turma enquanto melhora o condicionamento físico. A prática de esportes não é necessariamente um meio de formar campeões, mas é um jeito de aproveitar o prazer da atividade física. A convivência com um grupo dentro de quadra pode gerar boas amizades fora dela também.

### **1.1 Objetivos do Jogo**

Os jogos estão presentes na história da humanidade desde a sua origem, tendo sido encontrados registros desde a antiguidade. No princípio, apenas como passa-tempo, mas atualmente é inegável a sua importância em qualquer que seja o ambiente. A definição do que é jogo é muito diversificada entre os pesquisadores, mas todos concordam que sua utilização é benéfica ao ensino e aprendizagem. Segundo Vygotsky (1989, s.p), é através do jogo que a criança aprende a agir, sua curiosidade é estimulada, adquire iniciativa e autoconfiança, proporciona o desenvolvimento da linguagem, do pensamento e da concentração.

No jogo é exigido do participante atenção, organização e coordenação de diferentes pontos de vista. Eles também favorecem a aprendizagem visto que as crianças passam a ser mais participativas nas atividades, mais cooperativas e mais atentas às situações, sendo úteis também para identificar as principais dificuldades de compreensão dos conteúdos, servindo como diagnóstico de aprendizagem. Como diz Leif (1978, p.05), "jogar educa, assim como viver educa: sempre sobra alguma coisa".

A sua utilização torna as crianças mais confiantes e sentem-se encorajados a enfrentar outros desafios, fazendo questionamentos e propondo correções para os seus atos. Aprendem também a comparar pontos de vista, cuidar do material e organizá-lo.

O jogo é um impulso natural, pois, ao jogar, o indivíduo obtém prazer e realiza esforço espontâneo e voluntário para atingir o objetivo. Ele mobiliza esquemas mentais: organiza o pensamento, a ordenação de tempo e espaço, integra várias dimensões da personalidade afetiva, social, motora e cognitiva. Além disso, contribui para a formação de atitudes sociais: o respeito mútuo, a cooperação, a obediência às regras, o senso de responsabilidade, a justiça e a iniciativa pessoal e grupal.

## **1.2 Contato, convívio social, coletividade e aspectos psicológicos**

A prática de esporte faz bem à saúde e é excelente para o desenvolvimento da criança, mas, além disso, o esporte pode contribuir também para a formação moral do mesmo. Uma das maiores dificuldades atuais na relação pais e filhos é a transmissão de valores e o estabelecimento de limites, o que tem trazido sérias consequências para o convívio social. Segundo Delors (2001, p. 55) “aprender a conviver é, além de, viver juntos, competir e cooperar intrinsecamente”. Neste sentido, o esporte pode ser uma excelente ferramenta de ajuda.

Segundo Santin (1994, p.24), as práticas esportivas constituem, hoje, um sistema sócio-cultural construído como parte da cultura do movimento humano e enquanto fator decisivo no processo de socialização do ser humano. Indivíduos que aprendem uma educação voltada para a prática de esportes tendem a utilizar elementos como a concentração e o espírito de equipe em outras atividades de seu cotidiano. Iniciativa, atitude e tomadas de decisão estão presentes tanto nos esportes individuais como nos coletivos. Porém, é através da capacidade do indivíduo conviver com o outro numa equipe, treinando e viajando junto que faz com que muitos jovens atletas acabem por se integrar em equipes de esportes coletivos.

Quando uma criança não expressa nenhuma preferência por um esporte coletivo que favoreça a socialização ou um esporte individual, não se deve forçá-la a escolher, é importante que ela se sinta bem na atividade desenvolvida independente do escolhido, certamente há uma série de regras, técnica, equipe, adversário e técnico ou professor. Aprender a lidar com este universo o ajudará a formar valores como respeito, companheirismo, disciplina e solidariedade. Além de desenvolver mecanismos para lidar com as frustrações e internalizar a noção de limites. Segundo Santin (1994, p.15)

(...) a motivação para o esporte, induz as crianças a pensarem não só como lazer, mas como meio de profissionalização, destacando a grande influência dos meios de comunicação que mostram a trajetória de alguns atletas que se tornaram ídolos e exemplos a serem seguidos, trazendo como consequência uma possibilidade de ascensão social.

O ato de passar a bola, tão comum nos esportes coletivo, tem um significado diferente, por exemplo, do nadar sozinho na piscina. Se para Elias e Dunning (1990, s.p) o autocontrole é elemento básico para a esportivização, ele é adquirido de forma diferente em esportes individuais e coletivos. É pouco provável que esportes coletivos tenham a capacidade de socializar mais que esportes individuais. Dependendo da interferência de cada pai ou educador, da situação de cada família ou escola e dos objetivos de cada um, podemos ter variadas respostas para um mesmo estímulo da aprendizagem.

Esportes individuais são talvez mais eficazes no desenvolvimento de qualidades como disciplina, visto que é muito mais difícil fazer alguma coisa quando não existe a motivação que somente um grupo proporciona, mas o fato é que, esportes individuais não incluem situações das quais derivam qualidades fundamentais para o convívio social, como as do esporte coletivo. Em qualquer tipo de esporte coletivo as crianças aprendem o valor do trabalho em equipe. Em um esporte coletivo quem vence ou perde não é o indivíduo, mas sim a equipe, mostrando para a criança, desde cedo, a abrir mão dos seus próprios gostos e individualidades em detrimento do grupo. O trabalho em equipe possibilita desenvolver valores como respeito ao adversário, solidariedade com o companheiro de equipe, respeito às regras do jogo, igualdade de condições, cooperação, prazer e alegria na realização da atividade (BRACHT, 1992, s.p).

Um time de futebol, por exemplo, sempre terá defensores, apesar do desejo de toda criança de jogar no ataque e fazer gols. Anos de convívio nesse tipo de ambiente são refletidos no comportamento dessas crianças quando adultos, e mais do que benéficos, hoje representam uma vantagem no mercado de trabalho, por exemplo. Empresas cada vez mais valorizam pessoas que sabem e sentem-se bem trabalhando em equipe.

De acordo com Greco (2001, p.48):

(...) os esportes coletivos são considerados, entre crianças e adolescentes, uma das mais interessantes atividades recreativas, pois elas além das várias situações favoráveis que elas exercem ainda podem estar exercitando o companheirismo e rivalidade, estratégias, incertezas e emoções.

Meninos e meninas descobrem naturalmente a importância de se imporem e darem suas opiniões para o bem-estar de suas equipes. Mais do que isso, aprendem a maneira certa de se comunicar e fazer com que a troca de palavras seja, em muitos casos, a diferença entre ganhar e perder. Como diz Martens, uma vez líder sempre líder. Assim, crianças que desenvolvem esse talento dentro do ambiente esportivo, farão uso dele dentro de casa, das salas de aula, nos escritórios de trabalho, nas câmaras legislativas municipais, estaduais e no Palácio do Planalto. Seja entre adultos ou crianças, parte do sucesso de uma equipe se deve a capacidade de liderança que essa equipe possua (MARTENS, 1987, s.p).

Aprender a enfrentar adversidades e tirar lições delas talvez seja um dos maiores benefícios que o esporte coletivo pode proporcionar a um indivíduo, especialmente em sua infância e adolescência. Vitórias são importantes para a confiança e o entusiasmo de um grupo, mas, são as derrotas que ensinam lições para vida. Crianças aprendem que as coisas nem sempre acontecem do jeito que gostariam que fossem (MORENO, SILVA, JUSTINO, COTRIM, LIMA, OLIVEIRA, MATHIAS & LEAL, 2007, s.p). E, além disso, convivem com o fato de que muitas vezes, não existe nada que possam fazer para mudá-las, a não ser aceitá-las e aprender com elas. A diferença que o coletivo faz nesse aspecto é o fato de que, em um momento de adversidade, a criança sabe que sempre encontrará conforto dentro do grupo.

A criança através do esporte aprende que entre ela e o mundo existem “os outros”, que para a convivência social precisamos observar algumas regras, ter determinado comportamento (OBERTEUFER/ULRICH, 1977 apud BRACHT, 1997, p.58); aprendem as crianças, também, a conviver com vitórias e derrotas, aprendem a vencer através do esforço pessoal; desenvolvem através do esporte a autonomia e a confiança em si mesmas, além do sentido de responsabilidade, entre outras questões. Essas crianças no futuro, serão pessoas que saberão levantar-se após uma queda, e num outro extremo, estenderão a mão aos outros tentando se levantar. O esporte pode não fazer da criança um campeã da categoria, mas certamente irá levá-la ao pódio como um ser humano íntegro.

O próximo capítulo vai tratar sobre a importância de se ter um líder dentro do ambiente esportivo mostrando os aspectos gerais de se obter uma boa liderança perante uma equipe.

## **2 ATRIBUIÇÕES GERAIS DA LIDERANÇA NO ESPORTE**

O esporte tem exercido um papel importante na vida das pessoas, sendo quando utilizado em forma de competição, educação, recreação ou saúde e bem estar, ou seja, de acordo com o objetivo de quem o pratica. De acordo com VAZ (2002, p.154) o esporte corresponde e é parte importante do processo civilizador, ao apaziguar emoções e internalizar marcas disciplinares. Portanto cabe ao instrutor, ao professor de educação física ou ao treinador, possuir um estilo de liderança relacionado com as diferentes situações, pois esse estilo de liderança é um fator importante e afeta a atmosfera emocional das sessões de treinamento e das competições, especialmente quando os praticantes são crianças ou adolescentes.

A liderança para Barrow (1977, p. 231-251 apud Weinberg e Gould, 2001, s.p) é um processo comportamental que influencia indivíduos e grupos a alcançarem seus objetivos. Ela está ligada à principal característica psicológica do comportamento de líder, que seria, a maneira pela qual se comporta à frente dos seus alunos-atletas.

O comportamento de liderança dos líderes de equipes tem duas visões distintas: uma que diz respeito ao comportamento ideológico de liderança dos professores como técnicos e líderes, ao delinear entre eles e seus alunos-atletas padrões definidos de organização, canais de comunicação e métodos de procedimentos e, outra, associada às relações entre o líder e os membros de suas equipes quanto ao estabelecimento de comportamentos indicativos de amizade, confiança mútua e respeito humano.

Essa linha de pensamento mostra que a dinâmica das relações humanas e operacionais não se resume apenas na idéia de competência e habilidades técnicas e táticas, mas, como diz Simões (2005, p. 179) na disposição de líder e liderados em comportamento ideológico de liderança de professores-técnicos querer participar conscientemente da construção de uma equipe social e operacionalmente coesa.

O significado do comportamento coletivo constitui um paradigma privilegiado na expressão do participar, estabelecer metas, competir e vencer. Esses elementos têm a ver com o desenvolvimento social e operacional das equipes. Esse comportamento coletivo de uma equipe seria um conjunto de ações de comando, de subordinações, de condutas e atitudes que técnicos e atletas apresentam em relação à equipe com os companheiros com quem interagem

e às situações em que todos se encontram dentro das equipes, como uma mini-sociedade organizada (WEINBERG, 2001. s.p).

Se tratando em líder de equipe estamos falando principalmente no técnico da mesma. Para um técnico sua liderança efetiva deverá ser respaldada pela admiração e respeito que os atletas têm em relação ao seu líder (MENDELSON, 2000, s.p). Para isso, é preciso que este conquiste o respeito de seus liderados para ter sua autoridade reconhecida perante os mesmos e não apenas o cargo designado.

## **2.1 A importância do Técnico e sua relação com a equipe**

O estilo de liderança empregado pelo técnico é um fator significativo da atuação dos atletas dentro de uma equipe esportiva, pois o técnico como líder tem um papel de coordenação importante, determinando procedimentos e compatibilizando conduta coletiva dentro de suas equipes. Na linha de pensamento de Stogdill (1981, p.10), “os técnicos como líderes são pessoas inteligentes, com capacidade de comandar, persuadir e tolerar com consciência suas condutas e atitudes, que os diferenciam de seus atletas como liderados”. Esses técnicos assumem determinados estilo de liderança, mas o ideal será o líder encontrar um modelo de intervenção que ajude os atletas a alcançarem o seu potencial máximo.

Alguns estudiosos acham que o papel fundamental dos técnicos é conseguir formar equipes competitivas. A competição é o equipamento de suporte de todas as ações de comando dos técnicos e líderes, como diz Gonzáles (2001, s.p), o estilo de liderança exercido pelos técnicos constitui um aspecto com poder de suscitar reações significativas na capacidade produtiva, bem-estar social e psicológico dos seus atletas.

Para o técnico, o comportamento coletivo de uma equipe é uma tarefa fundamental, pois diz respeito à qualidade das relações entre ele e seus atletas. Um fenômeno interativo e psíquico que inclui propiciar um ambiente adequado para o desenvolvimento das relações humanas. Essas relações entre os atletas e o técnico são fundamentais para compreender a dinâmica existente dentro de uma equipe esportiva. Segundo Simões, Rodrigues e Carvalho (1998, p. 134), talvez o aspecto mais importante da equipe seja o domínio de “espaços ocupados” por técnicos e atletas. É evidente que os membros relacionam-se uns com os outros em condições e circunstâncias particulares, especialmente por conta da manutenção de um

comportamento coletivo. Isso sugere que fatores individuais e coletivos e forças sociais de natureza interna e externa estão presentes no êxito das equipes.

Manter um projeto coletivo requer que técnicos e atletas tornem-se conscientes de pertencer às equipes e de bem conviver dentro delas. A contingência de ajustamento desses personagens envolve capital intelectual e emocional das equipes com base em resultados de alta interatividade e competitividade interna e externa.

A equipe apresenta um bom relacionamento a partir de uma boa liderança de seu técnico, onde para isso ele deve manter uma boa comunicação clara, consistente e direta com e sua equipe e também com o capitão, seu estilo de liderança refere-se à complexa interação entre ele, o capitão e os outros atletas (WEINBERG & GOULD, 2001, s.p). A escolha desse capitão é feita pelo técnico, pelos jogadores ou simplesmente o nomeando e assim o impondo perante o grupo, mas o técnico deve atentar para certos aspectos da sua relação com o capitão, como, principalmente, a concordância entre os seus objetivos e do capitão.

## **2.2 A importância do Capitão e sua relação com a equipe**

Além dos Técnicos é essencial em uma equipe esportiva que se abram espaços para o surgimento saudável de líderes informais, que podem ser membros do próprio núcleo de atletas. Este atleta é denominado “Capitão do time”, que tem por sua vez, segundo Ucha (1999, p. 22) um acúmulo de funções como atleta e representante do time e isso pode fazê-lo entrar em conflito podendo ser algo muito penoso dependendo das características de personalidade do atleta.

O capitão é assim chamado por convenção, essa denominação provém da hierarquia militar. A grande maioria das modalidades coletivas possui um capitão, um líder formalizado dentro do jogo que em certos casos necessita ser diferenciado do restante do grupo, utilizando em seu uniforme algo que o destaque dentre os demais. Ucha (1999, p.22) coloca que o seu papel do Capitão é de "dirigente parcial", consiste em mais responsabilidade que privilégio e traz consigo o cumprimento de função determinadas inclusive fora da atividade esportiva.

A figura do Capitão dentro da equipe é um fato consumado, um direito adquirido, pois que a presença de um capitão, mesmo que fora das formalidades institucionais, é parte de todo o imaginário acerca da equipe no mundo todo, sendo o seu papel mantido em função da sua importância simbólica e dinâmica enquanto líder da equipe. “Sendo a influência exercida

pelo capitão interna, facilita-se a comunicação e os processos de identificação entre os demais elementos, uma vez que capitão é também um jogador, é uma parte da equipe que atua no jogo.” A relativa igualdade entre o capitão e os outros jogadores promove vínculos importantes no que diz respeito à coesão do grupo esportivo (MACHADO 2006, p. 270).

A maior facilidade na comunicação nasce do fato do capitão saber e conhecer na realidade prática as demandas do jogo, onde se desenvolve um tipo de linguagem que melhora, em relação ao seu caráter articulador, a qualidade da comunicação interna na equipe. Este capitão tem que estar o tempo todo ligado com a equipe para haver coesão nas suas atitudes, como salienta Machado (2006, p.270), a coesão é um processo complexo, dinâmico e variável ao longo do tempo, ela não surge de repente, devendo ser trabalhada entre os atletas, capitães e técnicos, permanentemente.

Por esse motivo a escolha do Capitão depende de toda uma análise da situação específica da equipe, sendo que os critérios de sua eleição não devem ser determinados com excessiva rigidez. Entre as características fundamentais na escolha de um capitão é importante ter habilidade técnica, tática ou estratégica, responsabilidade, equilíbrio emocional e a comunicabilidade. A inteligência emocional a paixão pela equipe e pelos seus membros são fatores considerável imprescindível para um capitão, como diz Ucha (2001, p.35) “Sua tarefa é representar a equipe e influenciar positivamente sobre o desenvolvimento dos traços e qualidades determinadas da personalidade e da conduta dos esportistas”.

É fato dizer que o indivíduo que se destaca no meio de seus familiares, coordenando os afazeres e eventos da família, ou então que se destaca num grupo de amigos, sendo sempre o centro de todas as atividades ou das conversas, ou que se destaca em uma comunidade, ou até mesmo no meio de brincadeiras e jogos de crianças, coordenando-as e seus amiguinhos lhe seguindo, com certeza será um atleta de destaque no meio dos outros, se tornando o capitão ou até mesmo o técnico da equipe, e com certeza terão mais facilidade de serem pessoas bem sucedidas na vida e com certeza conseguiram abrir mais portas para vida social e profissional.

O próximo capítulo tratará a forma de identificar essas crianças que se destacam (líderes) por meio das atividades recreativas.

### 3 A RECREAÇÃO COMO FORMA DE IDENTIFICAR LÍDERES

De acordo com Brotto (2001, p 02), a recreação é uma forma específica de atividade, uma atitude ou disposição, uma área de vida rica e abundante, a vida fora das horas de trabalho. Por esse motivo pais se preocupam com a educação de seus filhos, onde buscam uma contribuição fora do ambiente familiar, buscando alternativas para melhorar a qualidade de vida de seus filhos, psicologicamente, afetivamente e socialmente.

A responsabilidade de educar um indivíduo e transformá-lo é peça fundamental numa sociedade, e necessita da intermediação de todos os meios de convivência da criança: escola, família e sociedade. Na escola, além do fato de que as crianças estarem se educando com os conteúdos disciplinares, estão também conhecendo e convivendo com outras pessoas e, através da recreação, elas poderão se desenvolver de forma afetiva, cognitiva, motora, lingüística e moral. Por isso é muito importante que os pais participem dessa educação de seus filhos e permita sua integração, esquecendo o preconceito de valores, distinção de raça e estrutura familiar. De acordo com Nogueira e Martinez (2004, p.04):

“[...] quando um indivíduo está em recreação significa que está sentindo prazer em realizar alguma coisa. Os seres humanos são movidos, principalmente, pela emoção e pelo prazer, sendo mais fácil assimilar alguma coisa a partir daquilo nos faz bem, e com as crianças, é importante desenvolver e estimular atividades diferentes da vida cotidiana, mas que façam parte da natureza humana, já que é na infância o período de aprendizado e da assimilação que julgamos necessária para a vida adulta.“

Além de trabalhar a parte social da criança a recreação trabalha o organismo e a mente, como coloca Schmidt (1958 p. 43)

*(...) recreação é relaxamento do organismo e da mente. É diversão, renovação, recuperação. É atividade livremente escolhida e exercida nas horas de lazer, ativa ou passiva, individual ou em grupo, organizada ou espontânea.*

Quando falamos no prazer da recreação estamos falando em relaxamento, diversão, renovação e recuperação. Mas um ponto muito importante é que a recreação deve ser uma atividade *livremente escolhida*, ou seja, deve ser de livre adesão, sem nenhuma imposição.

Para Brotto (2001, p.02) na recreação, as crianças sentem prazer em praticar a atividade proposta, além de se interessar na prática de outras atividades, como Jogos, Gincanas, Brincadeiras e Lazer dentro e fora da escola, uma vez que o lúdico desperta emoções, muitas vezes reprimidas pelos meios em que convive.

### **3.1 Recreação, em suas formas de lazer e socialização**

Quando se fala em Recreação, fatalmente se depara com: Lazer, Jogos e Brincadeiras. Como já vimos anteriormente, Nogueira e Martinez (2004, p.04), recreação é a toda atividade espontânea, divertida e criadora que as pessoas buscam para promover sua participação individual e coletiva em ações que melhorem a qualidade de vida e para satisfazer sua necessidade de ordem física, psíquica ou mental e cuja realização lhe proporciona prazer.

Dentro desse contexto, essas variações da recreação recebem diferentes conceitos quanto à sua forma de execução, objetivos e aceitação popular, como destacadas a seguir.

#### **3.1.1 Recreação em busca de lazer**

Em aspectos gerais o lazer tem um conceito muito amplo, pois qualquer atividade pode ser considerada um lazer se proporcionar prazer, divertimento e desenvolvimento a quem pratica, pode até ser a não-atividade, o ócio, como por exemplo, o descanso.

O Lazer, para Dumazedier (1983, p.20):

(...) é um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se, ou ainda, para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares ou sociais.

E no ponto de vista de Oleias (2003, s.p):

Lazer, em sua forma ideal, seria um instrumento de promoção social, servindo para auxiliar no rompimento da alienação do trabalho, apresentando-se politicamente como um mecanismo inovador aos trabalhadores na medida em que estabelece novas perspectivas de relacionamento social; promover a integração do ser humano livremente no seu contexto social, onde este meio serviria para o desenvolvimento de sua capacidade crítica, criativa e transformadora e proporcionar condições de bem-estar físico e mental do ser humano.

Até uma atividade profissional ou uma obrigação torna-se um lazer para quem gosta e faz apenas para se divertir e relaxar.

### 3.1.2 O jogo como forma de recreação

Pode-se dizer que os jogos são atividades em que os participantes possuem uma maneira formal de proceder e estão sujeitos a regras. Se direcionados e conduzidos de maneira adequada, favorecem momentos de confraternização, participação e integração, aliviando o cansaço físico e mental. Em se tratando de Jogo, para Huizinga (1938, p.33) é:

uma atividade voluntária exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e espaço, segundo regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias, dotado de um fim em si mesmo, acompanhado de um sentimento de tensão e alegria e de uma consciência de ser diferente de vida cotidiana.

Com base neste conceito o jogo proporciona aos participantes o entendimento das expressões como jogar, busca pela vitória, cooperação, aceitação da derrota e equilíbrio durante a realização das atividades, com os adversários de jogo ou companheiros.

### 3.1.3 A brincadeira na recreação

A brincadeira é uma forma de se divertir, sem regras rígidas ou até mesmo sem regras, onde o foco é centralizado na ludicidade.

Também pode ser, segundo Barreto (1998, p.18):

(...) a atividade lúdica livre, separada, incerta, improdutiva, governada por regras e caracterizada pelo faz de conta. É uma atividade bastante consciente, mas fora da vida rotineira e não séria, que absorve a pessoa intensamente. Ela se processa dentro

de seus próprios limites de tempo e espaço de acordo com regras fixas e de um modo ordenado.

Neste contexto, a brincadeira é uma atividade informal e prazerosa, voltada à “quebra da rotina” diária do indivíduo, que permite grande possibilidade de socialização entre os indivíduos praticantes, devido à liberdade que proporciona segundo suas características.

Dentro desses conceitos pode-se afirmar que todas essas atividades se diferenciam, sendo que a recreação envolve todas as atividades citadas, em que o indivíduo procura praticar em seu tempo livre buscando sua satisfação e bem-estar.

### **3.2 Atitudes (Jogos Comportamentais, Atitudinais, Cooperativistas)**

Os jogos auxiliam no desenvolvimento de habilidades físicas e mentais. Pelo motivo de sua importância na difusão de valores de uma sociedade, a escola deve trabalhar em sentido contrário para os jogos funcionarem a favor da construção de uma sociedade mais solidária e esse o objetivo é chamado de “jogos cooperativos”. A cooperatividade vem através da ajuda mútua e do comportamento em equipe. É uma relação baseada na colaboração entre indivíduos no sentido de alcançar objetivos comuns, utilizando métodos mais ou menos consensuais. Os indivíduos podem organizar-se em grupos que cooperam internamente e, ao mesmo tempo, competem com outros grupos. Em se tratando de jogos cooperativos, Barreto (1998, p.49) afirma que:

Recuperar o papel socializador dos jogos pode ser uma opção para propiciar novas formas de relações sociais, principalmente junto a crianças, na luta contra a exclusão social, pois a cooperação é a união de pessoas voltadas para um objetivo comum, visando alcançar os objetivos propostos, busca a correção de desníveis e injustiças sociais com a repartição harmoniosa de bens e valores.

Apesar dessas diversas qualidades que o jogo cooperativo tem, muitos estudiosos ainda preferem salientar que o jogo esportivo é fundamental na educação das crianças, pois com a competição, que visa o jogo esportivo, as crianças ficariam melhores preparadas para viverem num mundo competitivo como o nosso. Mas como diz Fernandes, não podemos esquecer que a competição, quando trabalhada em excesso, diminui a auto-estima e aumenta o medo de falhar, reduzindo a expressão das capacidades pessoais e o desenvolvimento da

criança. Ele favorece a comparação entre as pessoas e a exclusão baseada em poucos critérios. Um ambiente competitivo aumenta a tensão e a frustração, podendo desencadear comportamentos agressivos (FERNANDES, 2006, p.70).

O jogo competitivo tem como principal objetivo a vitória e a partir daí faz com que o desenvolvimento dos sentimentos negativos dos praticantes seja mais forte, fazendo com que o medo de arriscar e de fracassar aumentem, bem como o individualismo, aumentando a exclusão muitas vezes dos menos habilidosos e como consequência a raiva em virtude da violência, discriminação, repressão de sentimentos e emoções, egoísmo e competição excessiva (LOPES, 2005, s.p).

Através disso observa-se que as principais características dos jogos cooperativos são a confiança e a comunicação, a participação de todos e a não-exclusão.

Brown (1995, p.31), numa perspectiva política, encontra uma forte relação do jogo cooperativo ou competitivo com as questões políticas das classes socialmente desfavorecidas. Para ele:"(...) uma de nossas tarefas é educar para não aceitar passivamente a injustiça, e como educadores temos de transmitir outros valores. Podemos oferecer a alternativa da solidariedade e do senso crítico diante do egoísmo e da resignação".

Com essa perspectiva, os Jogos Cooperativos ganham uma visão e um papel transformador, tendo grande importância na libertação da competição, pois o interesse se volta para a participação, eliminando a pressão de ganhar ou perder produzida pela competição (FERNANDES 2006, p.72). Além disso, o esporte cooperativo faz com que não se tenha a exclusão, pois procura incluir e integrar todos, evitar a eliminação dos mais fracos, mais lentos e menos habilidosos.

A partir de tudo que foi dito pode-se verificar que em um jogo cooperativo todos os elementos da equipe têm que participar ajudando o outro, para poderem alcançar o objetivo comum, mas ao mesmo tempo quando eles estão cooperando estão aprendendo a trabalhar em equipe e percebendo que quando seguem todos ao mesmo comando, ou a mesma linha de raciocínio, conseguiram chegar a esse objetivo desejado.

### **3.3 Como utilizar jogos e brincadeiras para reconhecer um líder**

Com base em tudo que foi visto pode-se observar que na recreação conseguimos trazer as crianças para a escola e ao mesmo tempo estamos os ajudando a se socializarem, pois estarão fazendo suas atividades com prazer e não sendo forçados.

Pois como diz Mian (2003, p.37):

“Recreação significa satisfação e alegria naquilo que faz. Retrata uma atividade que é livre e espontânea e na qual o interesse se mantém por si só, sem nenhuma coação interna ou externa de forma obrigatória ou opressora, afora e prazer.”

Com base nisso, uma criança que participa de uma recreação está se socializando, pois esta na maioria das vezes em contato com outras pessoas e não só com seus pais e familiares. Na rua ou escola são os lugares ideais para que isso aconteça, ao ter contato com outras pessoas além de estarem se socializando elas estarão se encontrando e aprendendo a descobrir todas as diferenças que existe numa sociedade em que se vive.

Segundo Bourdieu (1979, s.p)

“Os educandos oriundos de meios sociais desiguais possuem heranças culturais diferenciadas e tendem a agir de acordo com essa cultura já interiorizada. Ele ainda acrescenta que, para difundir a cultura socialmente legítima e valorizada universalmente é necessário que esses indivíduos tenham contato com os conhecimentos e com práticas culturais.”

O mais interessante disso tudo é verificar que no meio de vários tipos de crianças, num jogo ou até mesmo numa brincadeira se consegui achar aquelas que se destacam e que mostram ter voz de comando sobre todo grupo. Essas crianças têm o dão para ser um líder.

É muito fácil perceber quando uma criança é líder, geralmente são aquelas com um dom especial para estar bem socialmente. São alegres, divertidos, que sobressaem facilmente pela cultura, aparência física ou porque jogam bem futebol, ou qualquer outra modalidade esportiva cultural. Têm uma boa auto-estima e são felizes. Essas crianças facilmente dominam o grupo, como diz Gardner (1996, p.23):

“As crianças dominantes controlam os brinquedos, iniciam e organizam jogos, e ajudam a manter o grupo unido; as crianças menos dominantes orientam-se com referência aos mais dominantes. Tamanho, força, habilidade, inteligência, atratividade e gênero, tudo isso contribui para determinar quais organismos ocuparão posições superiores na hierarquia social emergente”.

Essa capacidade de liderança, comentada por Gardner anteriormente, revela-se muito cedo, na infância. Normalmente aos três anos já se nota nas brincadeiras, como por exemplo, quando as meninas falam, 'Eu sou a mãe', ou então quando algumas das crianças dizem, 'Eu monto isso e você aquilo' ou ainda 'Eu vou para aquele lado e vocês pro outro', e elas costumam dizer isso com frequência. Alguns anos depois, com sete ou oito anos, a sua

capacidade de organização é ainda mais clara. Elas orientam os trabalhos de grupo, escolhem os elementos da sua equipe, entre outras coisas. Essas crianças são uma espécie de locomotiva de um comboio.

Pode-se dizer que liderar significa conduzir e líder é o que conduz o grupo. Em cima disto, Lacombe & Heilborn (2003, s.p) dizem que liderar é conduzir um grupo de pessoas, influenciando seus comportamentos e ações para atingir objetivos de interesse comum desse grupo, de crianças que conseguem conduzir seu grupo dentro de uma simples brincadeira de pisque esconde acordo com uma visão do futuro baseada num conjunto coerente de idéias e princípios. Essas crianças levam essa liderança das brincadeiras para dentro de casa e da escola, estas crianças já estarão dando orientação e comando, principalmente para os outros participantes e ao mesmo tempo os participantes estarão sempre ao seu redor procurando o melhor jeito para praticar a atividade.

Essa liderança, desde a infância, já se caracteriza como autocrática ou democrática, segundo Samulski (1992 s.p; 2002 s.p) o líder autocrático, que concentra o poder de decisão, um ditador auto-suficiente, que não promove outras lideranças e nem estimula iniciativas dentro do grupo. Já o líder democrático estabelece e possibilita as inter-relações promovendo as iniciativas, a participação e cooperação. Distribui de maneira organizada o poder de decisão facilitando a comunicação e integração do grupo, que passa a ficar mais coeso. Há autores que estabelecem a denominação de líder apenas ao modelo democrático, generalizando os outros com o termo de "dirigentes".

Em uma competição, como diz Orlick (1989, s.p), onde a equipe busca o tempo todo alcançar o objetivo que é a vitória, apesar das variáveis enfrentadas no decorrer do jogo, assim, como por exemplo, a falta de concentração dos seus componentes ou de algum deles, ou ainda em qualquer outra situação, o líder deve se destacar, não somente como atleta, mas deve mostrar competência em orientar a equipe, destacar funções, etc.

É nesse momento que aquele indivíduo que se destaca, que serve de “pilar” para alguns nas brincadeiras e jogos é seguido e respeitado por todos, despertando o “sentido de equipe”, em busca de um objetivo comum.

A recreação, em todas as suas variações (brincadeiras, jogos, entre outros), pode-se despertar no ser humano diversas habilidades “ocultas”, inerentes de um líder. Mas ser o capitão é apenas um passo alcançado pelo atleta que se destacou no meio dos outros, não só como melhor jogador, mas sim como ser humano que sabe trabalhar coletivamente e cooperativamente e ao mesmo tempo passar para os outros atletas esse ponto de vista (SIMÕES, 2005 p. 179).

Continuando a ter esse destaque esse atleta acabará tendo a oportunidade de ser o técnico da equipe, pois já terá uma visão mais avançada e diferenciada dos outros elementos.

A formação de grupos, a partir de “escolhas” pode fazer com que ocorra a exclusão, porém, se esses grupos se destacarem como união social, advindas das brincadeiras, para Gardner, 1996, p. 23, pode servir como critério para o desenvolvimento de uma liderança saudável, de um exemplo que se deve seguir.

Esse exemplo saudável de liderança faz com que aquela criança que consegue se destacar entre as outras pode se tornar, com a intervenção de seus pais ou educadores, um exemplo a ser seguido pelos seus pares, talvez um futuro capitão ou técnico da equipe, e até mesmo, um líder social.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A liderança é observada em diversas situações cotidianas, onde as atividades coletivas são direcionadas para um objetivo comum.

Tanto o esporte coletivo quanto o individual tem grande importância para o desenvolvimento da criança, mas é o coletivo que é mais voltado para o contexto social do nosso país, pois representa uma grande ferramenta que pode ser utilizada de diversas maneiras no processo pedagógico ajudando as crianças a se interagirem com outras e socializarem ao mesmo tempo.

Quando as crianças estão praticando alguma atividade recreativa, elas estarão tendo momento de lazer e diversão, essas atividades permitem que elas expressem seus sentimentos e representem seus anseios de maneira natural.

A identificação de líderes e futuros líderes pode ser estimulada através desses momentos, quando seus pais ou até mesmo o educador percebe aquela criança que se destaca durante as atividades, a criança que não tem medo de arriscar e ajudar ao amigo a tentar arriscar também, além de exercer certo “domínio” sobre os demais.

As características de liderança são observadas nas crianças desde pequenas em brincadeiras dentro da própria casa com seus familiares ou amigos, elas sempre irão tentar ser o pai ou a mãe nessas brincadeiras e até mesmo orientar e coordenar sempre o grupo e as brincadeiras, a partir desse destaque em casa a criança vai levar isso para brincadeiras na rua ou na escola.

Cabe aos pais ou até mesmo professores, a orientar essas crianças sobre a percepção de valores, além de direcionar as relações entre os pares para o respeito mútuo, e além disso, ensinar qual a melhor forma de se usar características de domínio de um grupo.

A recreação pode servir como meio de detecção desses valores, além de permitir a possibilidade de, através de atividades voltadas para a socialização, evitar a exclusão social.

## REFERÊNCIAS

- Barrow, J. (1977). The variables of leadership: A review and conceptual framework. *Academy of Management Review*, 2, 231-251 apud Weinberg, R. S., e Gould, D. (2001). *Fundamentos da Psicologia do Esporte e do Exercício*. Porto Alegre: Artmed.
- BROWN, G. *Jogos cooperativos: teoria e prática*. 2a ed. São Leopoldo: Sinodal, 1995, p. 31.
- BARRETO, S. J. *Psicomotricidade: Educação e Reeducação*. Blumenau: Odorizzi, 1998.
- BARRETO, A. V. B. “*Cultura da cooperação: subsídios para uma economia solidária*” In SOUZA, A. etalli. *Uma outra economia é possível: Paul Singer e a economia solidária*. São Paulo: Contexto, 2003.
- BAYER, C. *O ensino dos Desportos Coletivos*. Editions Vigot, Paris, 1994.
- BOURDIEU, P. *A miséria do mundo*. Trad. Mateus S. Soares de Azevedo, Jaime A. Freitas Teixeira e Jairo Veloso Vargas. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.
- BRACHT, V. *Educação Física e Aprendizagem Social*. Porto Alegre: Magister, 1992.
- BROTTO, F.O. *Jogos Cooperativos*. Santos, SP: Editora Projeto Cooperativo, 2001.
- DELORS, Jacques etalli. *Educação: um tesouro a descobrir*. Cortez Editora, São Paulo, MEC: UNESCO: Brasília, DF, 2001.
- DUMAZEDIER, J. *Lazer e cultura popular*. São Paulo: Perspectiva, 1983. p. 34.
- ELIAS, N. e DUNNING, E. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1990.

FERNANDES, A. P. C. *Mudança de comportamento das crianças através da prática de jogos cooperativos*. Fortaleza, 2006. p.70.

FREIRE, J. B. Esporte educacional. In: *I CONGRESSO LATINO AMERICANO DE EDUCAÇÃO MOTORA E II CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO MOTORA*, 1998, Foz do Iguaçu. Anais... 1998, p. 106-108.

GARDNER, Howard. *Mentes que Lideram: uma anatomia da liderança*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996, p.23.

GIACOMINI, L. C. Pesquisa da tipologia dos atletas de alto rendimento no Brasil. *Revista Kineses*, Santa Maria, n. 20, p. 69-76, 1998.

GILL, D. L. *Psychological dynamics of sport*. Campaign - IL, Kinetics Publishers INC, 1986, p. 233-247.

GONZALEZ, F.J. *Estrutura e dinâmica dos esportes: classificação*. Ijuí: Unijuí, 2001.

GRECO, P. J. *Métodos de ensino-aprendizagem-treinamento nos jogos esportivos coletivos*. In: GARCIA, E. S.; LEMOS, K. L.M. *Educação Física e Esporte*. Belo Horizonte: Saúde, 2001.

HUIZINGA, Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Jogos>>. Acesso em: 14/09/2009.

LACOMBE, F. J. M.; Heilborn, G. L. J. *Administração: princípios e tendências*. 1.ed. São Paulo: Saraiva, 2003.

LEIF, J. e BRUNELLE, L. *O jogo pelo jogo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

LOPES, J.C. *Educação para convivência e a cooperação*. Conexões, v.3, n.1, 2005.

MARTENS, R. *Science, knowledge, and sport psychology*. Sport Psychologist, 1, p. 29-55, 1987.

MENDELSON, D. (2000). *Liderazgodeportivo*. Buenos Aires: *Revista Digital*, 5(18). Recuperado em 7 dez. 2006: <http://www.efdeportes.com/efd18a/lider.htm>.

MORENO, J.C.D.A.; SILVA, L.F.; JUSTINO, J.L.; COTRIM, P.A.; LIMA, C.B.F.; OLIVEIRA, P.A.B.; MATHIAS, V.R.; LEAL, T.A. Os esportes coletivos e individuais como meios de desenvolvimento das inteligências múltiplas: um estudo com escolares. **Revista Fafibe On Line**, Bebedouro, v.3, n.3, 2007. Disponível em: [http://www.fafibe.br/revistaonline/arquivos/cacau\\_luciene\\_os\\_esportes\\_inteligencias\\_multiplas\\_escolares.pdf](http://www.fafibe.br/revistaonline/arquivos/cacau_luciene_os_esportes_inteligencias_multiplas_escolares.pdf).

MIAN, R. *Monitor ou Recreação: Formação profissional*. São Paulo. Texto Novo. 2003.

NOGUEIRA, J.E; MARTINEZ, L.R.M. *Recreação e Socialização no Âmbito Escolar*. 2004, p.04. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd120/recreacao-e-socializacao-no-ambito-escolar.htm>.

OLEIAS, V. J. Disponível em: <http://www.cds.ufsc.br/~valmir/cl.html>. Acesso em: 14/09/2009.

Orlick, T. *Vencendo a competição*. Círculo do livro, 1989.

PIAGET, J. *Psicologia da inteligência*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

SAMULSKI, D. *Psicologia do esporte*. Belo Horizonte: Imprensa Universitária-UFMG, 1992. *Psicologia do Esporte*. São Paulo: Manole, 2002.

SANTIN, S. *Educação Física: da alegria do lúdico à opressão do rendimento*. Edições EST/ESEF-UFRGS. Porto Alegre, 1994.

SIMÕES, A. C. *Comportamento ideológico de liderança de professores-técnicos de equipes escolares masculinas e femininas de basquetebol, handebol, futsal e voleibol: uma análise da descrição dos professores-técnicos e percepção dos alunos-atletas*. São Paulo (SP): Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo; 2005. p.179.

SIMÕES, A. C.; RODRIGUES, A. A.; CARVALHO, D. F. Liderança e as forças que impulsionam a conduta do técnico e atletas de futebol, em convívio grupal. *Revista Paulista de Educação Física*, v. 12, n, 2, p. 134-144, jul./dez. 1998.

STOGDILL, R. M. *A handbook of leadership: a survey of theory and research*. New York: Free Press, 1981.

SCHMIDT, M. J. *Educar pela recreação*. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1958.

TEODORESCU, L. *Problemas de Teoria e Metodologia nos Jogos Desportivos*. Lisboa: Livros Horizonte, 1984.

UCHA, F.: *El equipo deportivo*, Buenos Aires, ano 3, nº 12, dezembro de 1998.

UCHA, F.: *El capitán del equipo*, Buenos Aires, ano 4, nº 13, março de 1999.

VIATKIN, B. A. *O papel do Temperamento na atividade esportiva*. Moscou: Cultura Física e Esporte, 1978, p.37.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

Weinberg, R. S., & Gould, D. (2001). *Fundamentos da Psicologia do Esporte e do Exercício*. Porto Alegre: Artmed.